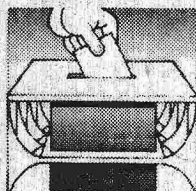


De olho nas eleições, PT cuida de prefeitos

Partido quer proteger Lula dos erros das administrações nos próximos cinco meses

JOSÉ MARIA MAYRINK



Consciente de que a primeira vítima é Luiza Erundina, mas o alvo é sempre Luiz Inácio Lula da Silva, o Partido dos Trabalhadores (PT) vai proteger mais a vitraça do Ibirapuera — a grande vitrine de sua imagem para as eleições de 15 de novembro — contra as pedradas dos inimigos. E não é só São Paulo: tudo o que se fizer de bom ou de ruim em qualquer uma das 36 prefeituras petistas, principalmente em cidades como Porto Alegre, Vitória, Campinas e Santos, pesará na campanha presidencial do partido nos próximos cinco meses.

“É pouco tempo para pôr em prática todo o programa do partido, mas o povo sentirá a diferença”, anima-se o deputado José Dirceu, secretário-geral do PT, apostando numa mudança imediata: a inversão das prioridades na administração municipal. Isso significa que, em todo o País, os prefeitos terão de se voltar para as necessidades mais urgentes, como educação, saúde e habitação.

Esta é a meta de Luiza Erundina, de passagem marcada para Brasília, no dia 13, para exigir da Caixa Econômica Federal recursos indispensáveis (e suspensos) à execução de um programa de casas populares. Ela garante ter o apoio, nessa luta, tanto de favelados como de empreiteiros, cujas obras dependem da liberação do dinheiro.

“Não é fácil, porque nem tudo está nas mãos de Erundina”, observa José Dirceu. Ele reconhece ter havido erros no início da administração — o que, aliás, todos os dirigentes admitem. O secretário de Comunicação e Imprensa da prefeitura, Perseu Abramo, lembra o exemplo dos ambulantes, uma dor de cabeça para o PT. “O impacto foi negativo, mas não havia outro jeito”, justifica o secretário, convencido de que a imagem já melhorou, “pois não há mais a mesma confusão no centro da cidade”.

Pensando não apenas em São Paulo, mas em todas as prefeituras do PT, José Dirceu respira aliviado quando fala das greves. “Onde estão as greves?”, pergunta, exaltando a



posição assumida pelos prefeitos diante delas, “uma atitude de quem vê na greve uma manifestação normal”. O secretário-geral não teme que se volte a acusar o partido de opção pelo greveismo. “Enfrentamos greves nas administrações petistas e não houve badernas”, avalia.

Na opinião do secretário municipal das Finanças, Amir Khair, o maior obstáculo para a criação de uma boa imagem administrativa em São Paulo é agora o caos do trânsito. A solução depende também do governo do Estado (Polícia Militar e estradas de acesso à Capital), mas a cobrança cai sempre no Ibirapuera. Khair acredita na possibilidade de mudar o perfil da administração, a favor de Luiza Erundina, só que num prazo maior, de dois ou três anos. Quando isso ocorrer, Lula já terá enfrentado as urnas.

Rui Falcão, presidente do diretório municipal do PT, aposta numa transformação mais rápida. “A campanha presidencial vai esquentar a partir do encontro nacional (16 a 18 de junho, no Anhembi), pois vamos mobilizar a militância e provar que temos uma alternativa para o País”, anuncia ele. Essa alternativa é a opção pelos proble-

mas dos trabalhadores, base da orientação do partido às suas prefeituras. Mas implica desagradar a outros setores e perder votos.

“Não se trata de um projeto de metas eleitoreiras voltadas para 15 de novembro”, garante Luiz Dulci, secretário para Assuntos Institucionais. Como elo de ligação entre a executiva nacional e as prefeituras e bancadas petistas, ele faz uma avaliação otimista da candidatura de Lula. “Acredito que o PT vá disputar o segundo turno com um candidato de centro-direita”, é seu palpite para as eleições.

A administração municipal certamente influenciará os votos, a favor ou contra, mas o PT não se diz disposto a sacrificar princípios por causa deles. “Mesmo que tenhamos de perder as eleições, vamos insistir em nosso programa”, promete Luiz Dulci. Como José Dirceu e Perseu Abramo, seus companheiros na direção nacional, ele argumenta com o exemplo do que já tem ocorrido: “Nossos prefeitos têm tomado medidas difíceis e até antipáticas, como a demissão de funcionários e o aumento de passagens de ônibus, apesar da campanha de Lula”.